INICIAÇÃO À ANÁLISE DE DISCURSO POR PÊCHEUX E SEU GRUPO

OPENING DISCOURSE ANALYSIS FROM PÊCHEUX AND HIS COLLABORATORS

Georges Sosthene Koman¹

Resumo: Este artigo é derivado da versão final de nossa dissertação de mestrado. Desta vez, vamos, a caminho de protestos, desembocar na serendipidade do estudo do discurso. O nosso propósito, para isso, visa a encontrar as artimanhas necessárias que garantiam a atuação da Análise do Discurso (AD) no intelectual em dia de hoje. Quando foi implementada a AD na década de 1970 no Brasil, a transição política era desfavorável para se iniciar uma disciplina que enfatiza uma linguística de “parole” pelo materialismo histórico. Contudo, a AD se apresentou como uma ferramenta ideal e relevante para se compreender qualquer discurso em sua circulação num momento fortemente marcado pela ditadura militar. Ainda, o que é a Análise do Discurso da cor de Michel Pêcheux e seu grupo? Sem todavia desmerecer outras contribuições, porque parece tanto essa teoria ser um ciclope de pensamento para o leito acadêmico? Em nosso delineamento, contamos, portanto, com a leitura de um começo de militantes.

Palavras-chaves: Análise de Discurso; Discurso; Materialismo histórico.

Abstract: This paper is a derivation of the final version of our master degree thesis. On this time, we are on road of protest, walking in serendipity of the study of discourse. Our purpose, nearest, is to fetch necessities available ways that granted Discourse Analysis (DA) up to now in mind. When AD have been instituted in the decade of 1970 in Brazil, political entrance was unlucky to initiate a scholarship that empathize a linguistic of “parole” through the historical materialism. Despite that, the AD comes on as an ideal and leveled tool for understanding whatever discourse in circulation at time strongly marked by military dictate. However, what is the Discourse Analysis from Michel Pêcheux and his collaborators? Without denied others contributions, why seems this theory to be an only point of minding for academic area? In our writing, we are betting, by that, on a lecture of a beginning of militants.

Keywords: Discourse Analysis; Discourse; Historical materialism.

Résumé: Cet article est une dérivation de la version finale de notre thèse de maîtrise. Cette fois, nous arrivons, sur le chemin des protestations, à la sérendipité de l'étude du discours. Notre intention, pour cela, est de trouver l'ossature nécessaire qui garantissait l'actuation de l'Analyse du Discours (AD), jusque-là en tête. Lorsqu'on a instituée l'AD au Brésil dans la décennie de 1970, la transition politique était défavorable pour que débute une discipline qui met l'accent sur une linguistique de « parole » à travers le matérialisme historique. Néanmoins, l'AD s'est montré comme un outil idéal et soutenue pour comprendre toute sorte de discours en circulation à un moment fortement marqué par la dictature militaire. Toutefois, qu'est-ce que l'Analyse du Discours chez Michel Pêcheux et son groupe ? Sans encore démériter d'autres contributions, pourquoi semble cette théorie être un cyclepe de pensée en milieu académique? Dans nos pages, nous comptons, pour ce fait, sur un commencement de militants.

¹Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), kilidium19@gmail.com.

Mots-clés: Analyse de Discours; Discours; Matérialisme historique.

Submetido em 2 de fevereiro de 2025.

Aprovado em 25 de março de 2025.

que se pode deprender do percurso de M. Pêcheux, na elaboração da Análise de Discurso é que ele propôs (...) com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios” (Orlandi, 2012).

Considerações iniciais

Constando como nossa epígrafe, a nota de Eni Orlandi ([1990]; 2012, p. 7) ao leitor de *O discurso: estrutura ou acontecimento*, destaca um valor disciplinar no “que se pode deprender do percurso de M. Pêcheux, na elaboração da Análise de Discurso é que ele propôs (...) com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios”. Com *As formas do Silêncio* (2007, p. 13), a tradutora considera Michel Pêcheux como referência básica de “singularizar” o pensamento, sob qual, surgiu para a academia, a Análise do Discurso (AD) que desperta nos intelectuais brasileiros atitudes essenciais para mergulhar na questão do político através da linguagem, esta, articulada a partir de uma dimensão discursiva.

De modo ambivalente, a epistemologia da chamada “escola francesa” –conforme apreciação de Dominique Mainguenu (1996, p. 27) – colide com a eleição discriminatória de “*langue*” pelo Curso, enquanto a França atravessa uma perturbação de governo num ano que não acabou (Soares, 2023). Menos controverso, a genealogia da AD fixará, então, suas raízes pela *Analyse Automatique du Discours*² de M. Pêcheux, com os postulados de Jean Dubois, pelo viés de seu artigo *Lexicologia e análise de enunciado*, ambas obras publicadas em 1969.

De qual maneira? Pessoas de caráter descascados da “velha tradição francesa” – a mesma, preocupada em saber ler, saber descrever e, por conseguinte, saber interpretar um texto – cujos projetos de pesquisa, por um lado, embaraçam o campo da linguística e, intervêm contra o distúrbio político (1968) por outro, criarão uma artimanha para enfrentar a situação de crise sócio-político; problematizando a) –o que seria em certa medida, o “inconveniente” na linguística de Ferdinand de Saussure, mais precisamente, a dicotomia *langue/parole* articulada

²Trad. Brás. **Análise automática do discurso** (AAD-69) (PECHEUX, 1997a)

no Curso de Linguística Geral (CLG), e encontrando b) – o lugar ideológico no pronunciamento dos homens políticos.

Assim, começaria um militantismo com base não só em análise, mas muito mais, em reivindicar a materialidade da língua ao desvendar a entrada teórica do “sujeito falante”. De modo simples, a escola francesa azulejada por Pêcheux e seu grupo define o discurso enquanto “efeito de sentido” entre sujeitos, justamente, em orações de políticos. Desde já, a prática francesa terá um seu movimento fetal com a publicação da revista *Langages* nº13, sob a iniciativa de J. Dubois³.

De fato incipiente, a tradução do artigo *Discourse analysis* de Zellig Harris, desperta certa curiosidade científica desde que o linguista norte-americano usa pela primeira vez o termo “análise de discurso” e empreende estudos premonitórios a um novo campo de saber. Exceto desvio, Z. Harris inova um método de procedimento formal de discursos aplicado sobre o uso de morfemas num texto, assim, pensa descartar suas análises, da linguística descritiva, menos eficiente. “As a result of this, we discover the particular interrelations of the morphemes of the text as they occur in that one text” (Harris, 1952, p. 1).

De acordo com suas investigações, já é, não só possível, saber *o que* tal ou aquele texto significa, mas também, *como* e *quais* padrões envolvem o emprego das morfemas-chave. Sob essa inspiração, o meio estudante francês, em fase de um levante popular, consagra, de premência, reflexões de apoio a um movimento antiautoritário. Como já dissemos, os acontecimentos políticos de maio 1968 na França cristalizam as preocupações de pesquisadores sobre o discurso político à medida que algumas articulações que buscam compreender a relação discurso-poder são empreendidas.

Com base nas teses harrissianas, a equipe de Dubois com pesquisadores tais como Roland Barthes, Henri Mitterand entre outros, tentam examinar as regras lógico-semânticas que escapam ao quadro formal da frase. De modo paralelo a este estudo, Maurice Tournier e seu grupo desenvolvem estudos entorno da lexicometria política, isto envolvendo um método que visa à análise estatística dos dados. Na universidade de Paris VII, Michel Pêcheux conforme referido anteriormente, elabora, sob a influência dos trabalhos althusserianos, uma teoria da linguagem a partir da publicação da *AAD* em 1969.

No mesmo ano, Michel Foucault questiona as relações entre práticas discursivas e práticas sociais, possibilitando, dessa forma, novas diretrizes para se pensar a análise do

³“Problèmes de l'analyse du discours”, *Langages* nº 13, mars, pp. 3-7. 1969

discurso. Assim, a paisagem sociopolítica na França foi fortemente marcada por diversas abordagens analíticas do discurso social, mais particularmente do discurso político. Porquanto, os pesquisadores eram convencidos de que a fala do homem político poderia ser tida como objeto de estudo da comunicação política, seja por meio da sociologia, seja a partir de uma análise linguística das próprias mensagens políticas.

Dessa maneira, analisar um discurso político implicava, em prelúdio ao pensamento de Z. Harris (1952), a consideração da problemática do sentido e da significação no contexto situacional do sujeito falante. O discurso é então pensado como uma conduta social, haja vista que os locutores e auditores são determinados enquanto produtos sociais, a própria finalidade da alocução sendo definida por agentes sócio-históricos. Assim, a AD de linha francesa, não por ser um propósito para se constituir num campo de saber, antes é, de algum modo, uma serendipidade de ordem disciplinar frente a um governo bem-aventurança gaulista.

Yolande Cohen (1994), ainda descreve a explosão estudante de maio 68 enquanto movimento de geração futura cujo resultado poderia no plano geral apagar a “luta de classes”. Pelo menos, mediante a variedade dos objetivos –algo que seria descontar dessa mobilidade social, também, a marcha de distintos *corpora* –, a AD, assim como demais situacionistas, empreitou itinerários variados numa época da cor de verbo radical da política. Gostaríamos, para o âmbito deste artigo, de escrever sobre Michel Pêcheux e seu grupo no que concerne como contestavam o regime autoritário do governo na França.

1. Michel Pêcheux num militantismo ambivalente

O período de crise política e epistemológica mencionada anteriormente foi marcado pelo que rechaça Pêcheux, ao “questionar” os paradigmas do estruturalismo saussuriano que “na visão de muitos pesquisadores de disciplina bastante diversas” era considerado como a “ciência piloto” (Pêcheux, 2011, p. 63). Contudo, esta teorização da linguística plasmava *langue* como sistema e desconstruía o sujeito psicológico livre e consciente na reflexão filosófica da época. Com base nisto, os estudos linguísticos elegeram e privilegiaram “língua” enquanto sistema abstrato e coletivo do qual se podia extrair uma lógica a ser descrita, ou seja, uma “totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua” (Pietroforte, 2003, p. 82).

O sistema linguístico pode ser entendido como uma rede, em que cada nó está relacionando com os demais nós que formam a rede, assim como os signos que formam

um sistema linguístico estão relacionados entre si. Concebendo a língua como um sistema de signos, Saussure (1969:23-24) define um novo objeto de estudos para a Linguística. É desse modo que um ponto de vista determina um objeto de estudos: quando se observa a língua do ponto de vista sistemático; o que se reconhece nela é uma estrutura. Esse conjunto de relações que as unidades Linguísticas mantêm entre si constitui uma forma. Por isso, Saussure diz que a língua é forma e não substância (Pietroforte, 2003, p. 108).

Ainda,

De acordo com Saussure (1969:27), a dicotomia língua versus fala é pertinente à medida que os fatos de língua podem ser estudados separadamente dos fatos de fala. Contudo, se nessa oposição entre língua e fala aponta-se para a diferença entre um fato de língua e um fato de fala (idem: 26-27), Saussure não deixa de considerar, também, as interferências entre os dois tipos de fatos. Para ele, uma mudança no sistema pode advir de fatos de fala (idem: 26-27), como as mudanças de produção dos sons que ocorrem na fala e alteram o sistema fônico (Pietroforte, 2003, p. 108).

Com F. De Saussure, a Linguística teria deixado de ser uma “ciência da expressão e de seus meios”, cujo fim era a compreensão do sentido de um texto, para se tornar em ciência da língua, cujo objetivo passou a ser a descrição das regras de combinação e substituição de suas unidades (Piovezani, 2013, p. 152; aspas do autor). A respeito, seria esse tanto, a audácia teórica de Pêcheux para desfazer a rigidez da linguística em vigor. Segundo Pêcheux (1969, apud Piovezani, 2013, p. 152), a delimitação do objeto concebido pela linguística saussuriana, quer dizer, a língua, ofereceria uma possibilidade para se pensar em outro terreno diante de certas questões que revelam o impasse contido na oposição *língua/fala*.

Como exemplo de perguntas preocupantes levantadas por Pêcheux, fez-se frequente a questão do sentido e da significação: “o que quer dizer este texto? Que significação contém este texto?” (Piovezani, 2013, p. 152). De acordo com Carlos Piovezani, a dificuldade de responder a estas preocupações levaria Pêcheux a reconhecer umas exclusões no campo da linguística. A solução deveria, portanto, passar por uma interação com “parole” para fins de fazer intervir os aspectos não contemplados pelo corte saussuriano, a saber, o sujeito, o social e o histórico. A questão será, desde então, saber se a própria natureza deste campo [...] não impõe que as relações que ele estabelece com a linguística sejam redefinidas em seus princípios: se, a título de exemplo, consideramos o domínio da política e aquele da produção científica, constatamos que, nesses dois domínios, as palavras podem mudar de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (Pêcheux, 2011, p. 64).

Enfim, levando em conta a polissemia constitutiva de uma palavra em determinadas posições defendidas por seus enunciadores, há condições para se pensar numa ruptura com a

transparência da língua enquanto sistema nítido e, antes, é preciso buscar nela fatores de ordens “exteriores”. Com isso, Pêcheux (2011) se propunha a conferir à língua sua dimensão histórica, (tratava-se antes de reformular a parole, concebendo a língua como uma conquista científica) por meio de um estudo semântico-discursivo que não separe a ciência linguística e a História (tal como se encontra em Marx), senão, com vistas a uni-las, porquanto a semântica em si constituía um problema para lidar com as formulações linguísticas de diferentes línguas.

Todavia, é imperioso ser levado em conta, o reconhecimento institucional da AD, nem sempre sem entraves, ao *crédito* de J. Dubois que segundo homenagem de Mainguenu (1996, p. 27, *itálico* do autor), tinha o perfil da personalidade que permite ao projeto novo de disciplina, de se afiliar à linguística.

Enquanto isso, a perplexidade à questão de ser o precursor é desasnada por Pierre Achard (1991).

L'analyse de discours, telle qu'elle préoccupe aujourd'hui bon nombre de chercheurs, a été longtemps centrée, en France, sur la référence à Michel Pêcheux, qui en reste le fondateur reconnu –au moins dans l'horizon français, s'il existe une « école française d'Analyse de discours », et sans doute aussi du point de vue international, en dépit de l'existence de courants parallèles ou divergents (Achard, 1991, p. 101).

Podendo surpreender, a afirmação do próprio Pêcheux (1984) outorga a atuação profissional da AD antes de tudo a *linguistas, historiadores e psicólogos*⁴, salvo à sua filosofia (2011), de qual sabemos que, se os níveis da linguística (fonologia, morfologia e sintaxe) se aplicam a todas as línguas, revelando, dessa forma, uma relação de interdependência, o mesmo não acontece no domínio semântico. Isto mostraria o impasse entre teoria geral e estudo particular de uma dada língua.

Neste caso, a linguística teria recurso em outros campos de estudo tais como a sociologia, a psicologia, a história, a literatura e etc., “que lhe fornecem dados, segmentados, contudo, de modo absolutamente diversos dos dados linguísticos concretos de uma dada língua nacional” (Pêcheux, 2011, p. 67). Antes de dar continuidade a esta abordagem, permitam que nos dissipemos com Pêcheux “um possível equívoco” (ibid. p. 70), quanto à recepção do *CLG* na França. A perspectiva pêcheutiana não se situaria essencialmente em superar a linguística proposta pelo Curso, pois, o próprio autor “não invoca de forma alguma a ‘superação’ da

⁴ Em referência ao início do distribucionalismo harissiano junto com o impulso dos trabalhos de Jean Dubois. Cf. **Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours**.

dicotomia “língua/fala” (Maldidier, 2003, p. 22; aspas da autora), mas sim supõe “uma mudança de terreno” a partir de uma reflexão crítica e, para se “desembaraçar da problemática subjetivista centrada no indivíduo” (Pêcheux, 2011, p. 72).

Desse modo, o *CLG* para a AD se apresenta como um discurso ao qual se deve recorrer e ao mesmo tempo, um obstáculo (Puech, 2014) do ponto de vista de seus impasses. Isto é a relação fundamental que a AD mantém com o *CLG*. Deslocado para a contestação geral que ocorria, as abordagens de que se trata aqui puseram em xeque o contratempo da decisão totalitária de ações sociais, cuja revolução passou a desinterditar ao que é “proibido”. Prestando atenção, a pichação nos muros, dentre quais, o famoso: “soyez réaliste, demandez l’impossible”, já criava uma memória liberal, enquanto, a qualidade do pensamento restava ao domínio de minorias.

Lembramos em Pêcheux (2012) apud Soarez (2023, p. 60) que se entende que “[...] la práctica política tiene la función de transformar las relaciones sociales dentro de la práctica social, de tal manera que la estructura global de esta última no cambie” (Pêcheux, 2012, p. 37). Diante disso, a questão do poder na França gaullista levado por insossos marcos “tradicionais” dava uma passividade à maioria da população nas sombras do despertar do corrente intelectual.

Pelo tanto, os campos de estudo do “discurso político” são aquilo que representava a “poção mágica” que assustava à classe política, algo análogo à fúria dos gauleses depois de tê-la absorvido, podiam atormentar a escaramuça de Júlio Cesar. Mattei Dogan (2009), critica a ignorância dos beligerantes sobre a eventual “guerra civil” a que os acontecimentos de maio 68 conduziam numa França a bordo de pânico

(...) mais lors de la crise de 1968, pas la moindre goutte de sang ne fut versée (...) l’histoire montre aussi qu’un pays peut être plongé dans une guerre civile sans que les leaders de l’un ou de l’autre camp la préconisent ou la sentent venir (...) si le gouvernement n’avait pas jugé qu’il y avait menace d’un soulèvement populaire, il n’aurait pas pris des dispositions militaires d’une grande ampleur. En faisant appel à l’armée, le gouvernement envisageait la possibilité d’un scénario de conflit armé. Les principaux acteurs cherchait à éviter « l’accident aux conséquences incontrôlables » Les guerres civiles ne sont jamais préparées. Elles ne peuvent être prévues, sinon elles n’auraient pas lieu (Dogan, 2009, p. 3, guillemet de l’auteur).

Próximo a um desastre, seguia um militantismo exempto de gladiar no ambiente tumultuoso das massas populares confrontado à repressão policial ao contrário de uma demonstração disciplinada entendida pela reivindicação acadêmica no campo da linguística por Pêcheux e seu grupo.

[...] en Francia, hubo una serie de manifestaciones que se oponían a problemas específicos del funcionamiento del Estado. Tanto Pêcheux como Foucault, cabe recordar, fueron manifestantes; sin embargo, su manifestación fue más allá de lo que se hizo en las calles parisinas, ya que también tuvo lugar en sus escritos, en reuniones intelectuales, en clases, en coloquios, en orientaciones y en las diversas formas de producir y reproducir el conocimiento (Soares, 2023, p. 61).

Assim, a partir das chamadas exclusões saussurianas (Piovezani, 2013), Pêcheux objetivou trazer meios de soluções para se compreender, ou para dizer melhor, relacionar a linguística moderna (restrita a seu objeto) a seu âmbito “exterior”. Aliás, o parecer de Jean Jacques Courtine⁵ conforme indica D. Mainguenu (1994) consolida esta tese desde as “perspectives ouvertes par les travaux de Jean Dubois (...) ces travaux ont en effet défini la base linguistique de ce qu’il conviendra d’articuler avec l’extérieur de la langue”. Por isso, fazia-se necessário trazer à cena “as questões do sentido, da expressão das significações contidas nos textos” (Pêcheux, 2011, p. 69).

De tal maneira e, segundo postulado por alguns estudiosos de linguagem e retomado por Pêcheux, se a fala representa uma certa liberdade para cada indivíduo que usa a língua, [...] essa liberdade aparece imediatamente submetida a leis, não somente no sentido de coerções jurídicas (que limitam a liberdade de expressão), mas também no sentido de determinações da fala [...] “a fala”, sob suas formas políticas, literárias, acadêmicas etc., se organiza necessariamente em “sistemas” regidos por leis (Pêcheux, 2011, p. 69-70; aspas do autor). Sob essa via, percebe-se uma ordem de produção de dizeres, ou seja, umas condições que impõem a cada indivíduo a maneira como usar a língua.

Segundo Pêcheux (2011), essa ordem é compreendida pelo “materialismo histórico” como relações sociais que, por sua vez, são os resultados de relações de “classe” características de uma dada formação social. Como diria (Piovezani, 2013, p. 153) “a consideração dos dois polos da distinção saussuriana [...] pode ser entendida como um dos fatores que permitiram a Pêcheux conceber, com base no materialismo histórico, o âmbito particular do discurso”.

2. Discurso: história social das mentalidades⁶

⁵« **Le discours introuvable**: marxisme et linguistique (1965-1985) », dans Histoire Epistémologie Langage 13/II, 1991, p. 159.

⁶ Cf. ARIES, P. « **L’histoires des mentalités** », in : *La nouvelle histoire*, sous la direction de J. Le Goff, Roger Chartier, Jacques Revel, Paris, CEPL, Retz, 1978, p. 402-403.

O próprio Pêcheux já o apontava de modo explícito: considerando uma formação social, poderemos falar de uma “formação ideológica” para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais o menos diretamente a “oposições de classe” em conflito umas com as outras (Pêcheux, 2011, p. 73).

En revanche, l’histoire sociale des mentalités, des systèmes de pensées ou des idéologies constitue une ouverture qui, par de multiples chemins, s’est considérablement développée dans la dernière période : cette ouverture suppose travailler autrement sur les textes, en remettant en cause la transparence de la langue (Pêcheux, 1984, p. 10).

Desde os contextos epistemológicos da AD, M. Pêcheux (1984) convida à dupla interpretação das mentalidades ao se referir à anedota do rei *François 1er* cujo pensamento torna a “mudança de terreno” para a AD possível. Com Piovezani (2013) sabemos que o contrastivo dos conceitos saussurianos constituiu o ponto de partida para se pensar processos discursivos numa sociedade “clássica”, as questões de sentidos recolocadas em xeque por Pêcheux indicam de quantas formas como os nossos dizeres significam e nos permitam significarmos. De modo claro, [...] se a análise dos processos discursivos supõe o estudo das relações de força e de sentido presentes em determinadas condições de produção de dizer, a AD não aceita a oposição saussuriana entre os sistemas institucionais jurídicos e políticos e os sistemas institucionais semiológicos (Piovezani, 2013, p. 153).

Através dos apontamentos de Piovezani (2013) a respeito do método teórico pêcheutiano, temos condições para pensar a AD como a disciplina que se propõe depreender outros aspectos fundamentais envolvidos no ato de usar a língua, nos fazendo assim sair de acepções limitadas à universalidade e à liberdade nas reflexões em torno da linguagem. A este ponto, a observação sobre qualquer tipo de pronunciamento na sociedade era do estrito ponto de vista saussuriano, estável; o discurso seria, enquanto tal, da ordem da fala, na qual se manifesta a “liberdade do locutor”, ainda que, bem entendido, seja proveniente da língua enquanto sequência sintaticamente correta. Quanto mais, eram os pressupostos da historiografia tradicional à recepção do *Curso* na França.

[...] mais le point incontournable pour l’analyse de discours demeure *la référence au registre de la langue*, irréductible à quelque ensemble d’actes, de comportements, de conduites ou de pratiques sociales que ce soit [...] aboutissant à présenter la langue

comme un royaume en carton-pâte construit et régi par les pouvoirs sociaux dominants et tyranniser par les fantoches de la Grammaire (Pêcheux, 1984, p. 9; *italique de l'auteur*).

Mas o mesmo discurso é tornado pelo sociólogo como uma parte de um mecanismo de funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente universais nem individuais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar, no interior de uma formação social dada (Pêcheux, 2010 [1969], p. 75; aspas do autor). Diante desse fato, pode-se considerar que “o funcionamento do dizer não é integralmente linguístico e, por essa razão, somente pode ser analisado por meio da consideração dos protagonistas e do objeto do discurso inscritos em certas condições de produção [...]” (Piovezani, 2013, p. 153).

Es en esta perspectiva que Pêcheux define el discurso como “[...] efecto de sentido entre los puntos A y B” (Pêcheux, 2010, p. 81), precisamente porque se opone al “esquema plano de la información derivado de los trabajos de Jakobson según el cual un emisor produce un mensaje X y lo envía a un receptor que, a su vez, recibe el mismo X enviado” (Soares, 2018, p. 116 apud Soares, 2023, p.65).

Em desacordo com a estaticidade, Pêcheux (2010 [1969]) sustenta que a compreensão de um discurso, exige *a priori*, um diagnóstico da relação que este estabelece com os demais dizeres.

De lo contrario, “[...] la X producida puede, por diversas razones, ser interpretada como Y, porque los significados estables atribuidos a las palabras son efectos de una ilusión ideológica que el análisis del discurso pretende combatir” (Soares, outrossim).

Interessa-nos acompanhar de perto a construção da noção de discurso, a partir dessa reflexão. De acordo com Piovezani (2013), a noção de valor, junto às ideias saussurianas, influenciou o pensamento de Pêcheux no desenvolvimento da “ordem do discurso”, a qual estipula que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam [...], mudam de sentido “ao passar de uma formação discursiva a outra” (Pêcheux, 2011 apud Piovezani, 2013, p. 155; aspas do autor).

A noção de valor desenvolvida por F. De Saussure enfatiza as relações que estabelecem os signos linguísticos entre si e as relações que estes estabelecem com outros elementos linguísticos. De mesmo, a história das ideias que desemboca à elaboração da AD admite para a interação social, uma formação de processos ideológicos tal como pensado numa rede do imaginário na qual se constrói o valor discursivo, ora, o sentido.

Las formaciones imaginarias son imágenes que cada uno de los participantes en una interacción verbal se hace de sí mismo y del otro en la proyección de tales imágenes como efectos en el discurso” (Pêcheux, 2010, p. 116 apud Soares, 2023. p. 65).

Enfim, as condições de emergência da AD impõem uma recordação do mito do “sujeito psicológico” com Pêcheux (1984) pertencente diz o próprio, à universalidade narcisismo do pensamento humano. De qual forma,

Considerando la relación entre A y B en los procesos discursivos, Pêcheux elabora hipótesis de tal forma que demuestra que existe un juego entre estos agentes cuyas formaciones imaginarias marcan el lugar que cada uno se confiere a sí mismo y al otro “además de la imagen de su propio lugar y el del otro que ellos mismos se hacen” (Ferrari, 2005, p. 115 apud Soares, 2023, p. 65).

Desse fato, o jogo das formações imaginárias implementa nos sujeitos falantes e, pela conjuntura ideológica de que procede o discurso, atitudes, comportamentos pelos quais podem ser representado seus pensamentos. Isto diz respeito à « l’effet des rapports de place dans lesquels se trouve inscrit le sujet et simultanément, la situation au sens concret et empirique du terme, c’est-à-dire l’environnement matériel et institutionnel, les rôles plus ou moins consciemment mis en jeu, etc. [...] » (Pêcheux; Fuch, 1975, p. 15 apud Côté, 1981, p. 17-18).

Assim, podemos acreditar no deslizamento da linguística saussuriana, tal como descrita no Curso que por muito tempo direcionou o olhar em nossas sociedades para a obviedade, como acrescenta Pêcheux (1984) obrigou à interpretação do *historiador clássico* para quem a coerência moral da mentalidade humana, é natural e necessária. Contra qual, a AD aceitou “o desconforto de não se ajeitar “nessas” evidências e “nesse” lugar ja-feito”(Orlandi, [1990]; 2012, p. 7, aspas nosso), pronando assim, a “mudança” muita vez confiscada por paradigmas estáveis da ideologia dominante. « Certaines choses étaient donc concevables, acceptables à une certaine époque, dans une certaine culture, et elles cessaient de l’être à une autre époque et dans une autre culture » (Aries, 1978, p. 402-403 apud Pêcheux, 1984, p. 10).

Considerações finais

Com certeza, a tempestade política nos anos sessenta 60 na França deixou uma serendipidade traduzida pelo aparecimento de um novo corrente de pensamento de ordem institucional. De fato, entendemos como foi uma abertura a pensar outra mente, ou ainda, a ultrapassar os limites de herméticas propostas primitivas, pela qual se constituiu em resistência pelo militância à melhoria das condições de vida. Tardiamente, essa disciplina mais do que um trunfo entrou no cenário brasileiro em que foi um propósito, sabemos, de resiliência à ditadura militar no período acima mencionado.

A AD desenhou seu caminho e se consolidou em certa medida com alguns diálogos com outros campos. Diríamos com Gregolin (2003) que a perspectiva da AD francesa exigia uma abordagem transdisciplinar que reuniria várias teorias, tais como a linguística, a história e o sujeito (não empírico), para fins de erigir-se em uma teoria do discurso, falava-se há alguns anos em termos de tríplice aliança *língua / materialismo-histórico / inconsciente*, (Saussure-Marx-Freud).

Dessa forma, a AD “integra um conjunto de princípios teóricos, em resposta a preocupações de linguistas, filósofos ou historiadores, preocupações essas que tratam, no discurso, da relação da língua com a história” (Courtine, 2009 [1981], p. 32; grifo do autor). A dicotomia logicismo representada pela linguística e o sociologismo pela AD deixou nítida a ligação que tem a AD com a psicologia social e a relação estreita com a linguística, sendo essa a pedra fundamental para sua constituição.

O conjunto de formulações teóricas que alicerçaram a construção da AD objetivou, portanto, depreender a [...] „articulação“ da Linguística e do materialismo histórico como „ciência da história das formações sociais e de suas transformações“ e, mais particularmente, a essa parte do materialismo histórico denominada „teoria das ideologias“ na releitura do corpus marxista realizada por L. Althusser. (Pêcheux, 1975 apud Courtine, 2009 [1981], p. 32; aspas do autor).

“Desenha-se, aqui, a ideia de que o discurso deve situar-se num outro lugar e, portanto, pode constituir-se como uma via para que a Linguística saia tanto do sociologismo, quanto do logicismo” (Gregolin, 2005, p. 101). Encontra-se nesta ideia o meio para se pensar no relacionamento entre o linguístico e o discursivo, ou seja, para considerar a enunciação. Dito de outra forma, a AD iniciada por Pêcheux buscou investigar as relações que se estabelecem entre a linguagem, a ideologia e o sujeito, isto é, como a ideologia utiliza a linguagem para ter uma forma material e como o sujeito faz uso da mesma linguagem para sua constituição (Orlandi, 2007).

“Desta maneira, o conceito de discurso é responsável por determinar o que as pessoas dizem” (Palhares, 2014, p. 92), pois, o próprio discurso deriva de uma ideologia e corresponde a um lugar no interior de uma dada formação social. Por essas razões ou por outras, se alicerçou as teorias da AD de linha francesa, que conheceu três épocas, devido aos diálogos que o precursor Pêcheux estabeleceu com aportes teóricos de autores tais como, Foucault (na segunda fase) e Bakhtin (na última época).

Não objetivamos retrair a história das três épocas dessa disciplina, haja vista que outros já o fizeram conforme pode ser encontrado na dissertação de Mestrado de Mazzola (2010, entre outros trabalhos. Porém, importa sublinhar que esse campo de saber tal como o conhecemos hoje, passou por crises epistemológicas internas; da primeira fase (AD-1) até o último estágio (AD-3), fazendo com que seus conceitos iniciais fossem revisados e reelaborados com vistas a empreender novas perspectivas e satisfazer a demanda da sociedade.

Referências

ACHARD, P. L'inquiétude du discours. Teste de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier. In: **Langage et société**, n°56. Langues spéciales, langues secrètes. pp. 101-104; 1991. https://www.persee.fr/doc/lsos_0181-4095_1991_num_56_1_2534 acesso > 23/04/2025.

COHEN, Y. Mai 68 : le mouvement étudiant comme mouvement de génération?. In: L'homme et la société, n°111-112, **Génération et mémoires**. pp. 119-136. 1994.

COURTINE, J-J. [1981]. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CÔTÉ, P. **L'analyse automatique du discours (AAD) de Michel Pêcheux**: application de cette méthode dans une analyse de quatre(4) arrêtes en conseil relatifs aux programmes de fermeture de localités rurales et de relocalisations de populations dans l'Est du Québec. Document généraux du GRIDEQ, n° 8. Université du Québec à Rimouski. 1981.

DOGAN, M. La classe politique prise de panique en mai 1968: comment la guerre civile fut évitée? **Sens public**. 2009. <https://doi.org/10.7202/1064186ar> . acesso > 12/03/2025.

GREGOLIN, M, R. Análise do discurso: lugar de encontros teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos. (Orgs.). **Teorias linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34.

GREGOLIN, M, R. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos. (Org.). **Análise do Discurso**: Unidade e Dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2005, p. 19-42.

HARRIS, S. Z. Discourse Analysis. In: **Language**, Jan. Mar., vol.28, n°1, pp. 1-30. <https://www.jstor.org/stable/409987> acesso > 06/03/2025.

MAINGUENEAU, D. **Jean Dubois et les débuts de l'analyse du discours en France**: quelques réflexions. In: **Linx**, n°34-35, 1996. Lexique, syntaxe...automatique. Hommage à Jean Dubois. pp. 27-33; Doi: <https://doi.org/10.3406/linx.1996.1412> https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1996_num_34_1_1412 acesso > 28/02/2025.

MAZZOLA, R. B. **Análise do discurso e ciberespaço**: heterotopias contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Linguística e Línguas Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Letras, Campus Araraquara, 2010.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. – Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007.

PALHARES, M. F. S. **Violência no futebol brasileiro: o discurso de torcedores organizados**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências de Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociência, Campus Rio Claro, 2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento** / Trad: Eni P. Orlandi. 6ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Língua, linguagens, discurso**. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Org.). Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, M. **Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours**. In : Mots, n°9, octobre 1984. Doi: <https://doi.org/10.3406/mots.1984.1160> https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_num_9_1_1160 acesso > 15/03/2025.

PIETROFORTE, A. V. **Língua como objeto da Linguística**. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Linguística. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PIOVEZANI, C. **Presenças do Curso de linguística geral na análise do discurso**. In: FIORIN, J. L.; VALDIR, do Nascimento F.; Leci, B. B. (Org.). Saussure: a invenção da linguística, São Paulo: Contexto, 2013. p.149-161.

SOARES, T. B. 1969, o ano que não acabou: o evento de análise de discurso. **Ciência & Trópico**, [S. l.], v. 47, n. 2, 2023. DOI: 10.33148/CETROPICOv47n2(2023)art4. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/2192>. Acesso em: 25 mar. 2025.